



## O DIA DO HERÓI

Márcio Cotrim

**A** perspectiva do fim de semana até que era bem agradável. Uma recepção na Embaixada da Áustria em homenagem a *Mário Garófalo*, ocasião em que eu teria o prazer de abraçá-lo, um alegre jantar na casa do *João Carlos Cequine* e uma segunda-feira de feriado — dádiva que caíra do céu nestes dias de trabalho extenuante. Já fechava as gavetas para sair quando chega a notícia brutal.

Acabava de falecer, no Rio de Janeiro, o General *Ernani Ayrosa da Silva*.

A geração de hoje não o conheceu, talvez só tenha ouvido vagamente falar no seu nome. Infelizmente, é assim mesmo. Os fatos que fazem a história humana se sucedem vertiginosamente e levam tudo de roldão. O processo é cruel e impiedoso mas inalterável. Líderes famosos ontem e mesmo pessoas humildes que tiveram a faulha de um instante de noto-

riedade acabam sumindo do noticiário, todos tragados pela palpitação do dia-a-dia — geralmente miúda e irrelevante — e do festejo, que um dia atingira as raízes da idolatria, sobra apenas um fugaz momento que se esvai na poeira do tempo. Só fica a lembrança de quem viveu e conheceu.

Pois é de um desses momentos preciosos, que captei em minha memória infantil, e do herói que vou falar. Do oficial mais condecorado do Exército Brasileiro, daquele que, a par de sua inflexível retidão profissional — que encarnava a figura popularmente conhecida como "caxias" — guardava um extraordinário lado humano.

Paradoxo, mas verdade. Metido no uniforme foi irrepreensível no cumprimento do dever e deixou um rastro brilhante por onde passou, na guerra e na paz. À paisana, como dizem os militares, colocou o melhor de sua alma na formação de muitos

jovens, alguns hoje destacados executivos e cientistas por este País afora e até no exterior.

Mas voltemos ao dia mágico, ao flagrante que merece registro especial, talvez o melhor momento da vida dele. Eu era garoto, mas jamais esquecerei. O Brasil, que fora à guerra com a FEB em 1944, retornava vitorioso em 1945. No porto encostavam os navios e deles desembarcavam os soldados, pressurosos e já em forma para o desfile da vitória que percorreria o centro do Rio de Janeiro, então capital do País. Há quem diga que a terra carioca nunca assistiu a uma festa mais bonita e emocionante que aquela do retorno do primeiro escalão da FEB. Lembro-me bem da entrada triunfal pela Avenida Rio Branco. Eu, encarapitado na janela do escritório de meu avô, me deslumbrava com aquela multidão espessa que se movia fluvialmente mas com o estrondo da pororoca para abraçar os que voltavam. E a tropa de praças, orgulhosa e triunfante, marchava subindo a avenida, cada rosto exibindo um sorriso maroto que traduzia a mais pura emoção e a promessa do mais demorado dos beijos.

Ao som da "Canção do Expedicionário" e sob uma chuva de papel picado, de serpentinas e de lágrimas da massa vibrante que se apinhava nas calçadas e nos parapeitos dos prédios, eles caminhavam olhando para os lados e para cima, à procura de pessoas queridas e das mãos que acenavam freneticamente

em sua direção. Voltavam da Europa, onde haviam ajudado a derrotar a boçalidade do nazifascismo e tudo de hediondo que ele representava para a civilização.

Naquele dia vi pela primeira vez e de perto o perfeito significado da consagração de um ídolo popular. O então Capitão Ayrosa, maior herói da FEB, o brasileiro que tomara cidades na Itália, transformara-se em lenda nacional. Todos os veículos de comunicação da época, a "Folha Carioca", "A Noite" e "O Globo", o rádio através do "Repórter Esso", os jornais cinematográficos da Movietone e da Pathé exaltavam a celebridade do Capitão e o apresentavam na tela condecorado pelo Comandante do Quinto Exército dos Estados Unidos, General Mark Clark.

À noite, o Capitão Ayrosa voltou para casa. Casa de vila, à qual se chegava passando por longo muro calado de branco novo. Era na rua Dias da Cruz, no Méier, e ela se embandeirou toda para receber seu herói. Tudo ficou coberto de guirlandas, bandeirolas de papel que sopravam ao vento, a vizinhança alvoroçada na expectativa. Quando ele desembarcou do carro, o povo do bairro eclodiu em aplausos, as mulheres choraram forte, as moças suspiraram fundo. O herói voltava coberto de medalhas. Aquele quase menino, criado ali no subúrbio, tornara-se personalidade nacional e era avidamente procurado pelos repórteres. Eles queriam saber

como tinha sido escrita a história.

E ele, que fora ferido na batalha — seqüela que trouxe consigo até o último de seus dias — entrou na vila sob foguetes, gritos das crianças e copos de groselha levantados por aquela gente boa. Foi a suprema realização do herói, o reconhecimento dos que estavam mais próximos de seu coração.

Hoje, com a distância e a dimensão que só o tempo proporciona, vejo a cena inesquecível como uma seqüência muito pessoal de um Amarcord particular. O Méier, a Rimini de meu Rio de Janeiro, abraçava seu vulto mais importante e o cobria de carinho. Ele, meio sem jeito, agradecia e nada mais tinha a declarar. Se lhe faltavam palavras, sua eloqüência estava traduzida nas ações de coragem que tivera nas terras geladas onde se travara o combate.

Depois desse episódio, fez singular carreira militar, a mais brilhante de sua geração, culminando com duas longas interinidades como ministro do Exérci-

to. Todos os títulos, todos os galardões, todas as medalhas possíveis, tudo a que um verdadeiro soldado aspira. Lutar pela pátria e mostrar, seja na trincheira, na linha de frente ou no quartel, todo o esplendor de uma autêntica vocação.

O General Ayrosa mostrou exemplo e rumo. Naquele dia distante, mas que guardo num dos melhores cantos de minha memória, tenho convicção de que se afirmava o que de melhor possui este País. A pompa e o desfile de vitória, de repercussão nacional e internacional, e a redução da história à escala do cidadão, traduzida na volta daquele homem à vila natal.

Foi muito triste o final de minha sexta-feira. Embarquei às pressas para o Rio. A bordo do avião fui recordando algumas das magníficas lições que ele deixou.

Ele era meu tio, eu ainda não dissera. Irmão único de minha mãe. Um herói se foi.

(*"Correio Brasiliense"*, de 12 Dez 87)

como tinha sido escrita a história.

E ele, que fora ferido na batalha — seqüela que trouxe consigo até o último de seus dias — entrou na vila sob foguetes, gritos das crianças e copos de groselha levantados por aquela gente boa. Foi a suprema realização do herói, o reconhecimento dos que estavam mais próximos de seu coração.

Hoje, com a distância e a dimensão que só o tempo proporciona, vejo a cena inesquecível como uma seqüência muito pessoal de um Amarcord particular. O Méier, a Rimini de meu Rio de Janeiro, abraçava seu vulto mais importante e o cobria de carinho. Ele, meio sem jeito, agradecia e nada mais tinha a declarar. Se lhe faltavam palavras, sua eloqüência estava traduzida nas ações de coragem que tivera nas terras geladas onde se travara o combate.

Depois desse episódio, fez singular carreira militar, a mais brilhante de sua geração, culminando com duas longas interinidades como ministro do Exérci-

to. Todos os títulos, todos os galardões, todas as medalhas possíveis, tudo a que um verdadeiro soldado aspira. Lutar pela pátria e mostrar, seja na trincheira, na linha de frente ou no quartel, todo o esplendor de uma autêntica vocação.

O General Ayrosa mostrou exemplo e rumo. Naquele dia distante, mas que guardo num dos melhores cantos de minha memória, tenho convicção de que se afirmava o que de melhor possui este País. A pompa e o desfile de vitória, de repercussão nacional e internacional, e a redução da história à escala do cidadão, traduzida na volta daquele homem à vila natal.

Foi muito triste o final de minha sexta-feira. Embarquei às pressas para o Rio. A bordo do avião fui recordando algumas das magníficas lições que ele deixou.

Ele era meu tio, eu ainda não dissera. Irmão único de minha mãe. Um herói se foi.

(*"Correio Brasiliense"*, de 12 Dez 87)